

## A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NA REVISTA BRASIL: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA (1953 – 1958)<sup>1</sup>

GUILHERME SILVA GRACIANO (ALUNO PESQUISADOR) <sup>2</sup>

MARIA BEATRIZ CAMARGO CAPPELLO (PROFESSORA ORIENTADORA) <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho faz o levantamento de uma fonte bibliográfica e historiográfica, por meio da documentação e catalogação da revista carioca *Brasil: Arquitetura Contemporânea (BAC)*, que foi publicada entre os anos de 1953 e 1958. A documentação e catalogação do acervo desta publicação são meios de se preservar esta fonte, e também, uma forma de se construir uma história da arquitetura, resgatando o que foi publicado sobre a arquitetura moderna brasileira.

Além do levantamento deste acervo, esta pesquisa, através do estudo do material publicado por *BAC*, analisa como a revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* retratou e difundiu o movimento moderno brasileiro na arquitetura.

**Palavras Chave:** arquitetura moderna brasileira; revistas; Brasil: Arquitetura Contemporânea.

### ABSTRACT

The present work makes the survey of a bibliographic and historiography source, across of documentation and cataloging of carioca magazine *Brasil: Arquitetura Contemporânea (BAC)*, which was published between the years 1953 and 1958. The documentation and cataloging of the collection of this publication made this source not be lost, being not only a way of preserving the material published in this magazine as well as a way to build the history of architecture, rescuing what was published about the brazilian modern architecture.

The cataloging of this collection, this search, through the study of the material published by *BAC*, also intends to analyze how the magazine *Brasil: Arquitetura Contemporânea* portrayed and disseminated the brazilian modern movement in the architecture.

**Keyword:** brazilian modern architecture; magazines; Brasil: Arquitetura Contemporânea.

---

<sup>1</sup> Trabalho correspondente ao relatório final do Projeto de Pesquisa: “A discussão do Projeto Moderno nas revistas de arquitetura brasileiras (1945-1960)”, desenvolvido dentro do PIBIC-UFU, que faz parte de uma pesquisa maior que tem como objetivo documentar e catalogar a historiografia e iconografia da arquitetura brasileira presente nas revistas de arquitetura de 1945 a 1960, período que se destacou pelo desenvolvimento de uma identidade arquitetônica brasileira, cujo título é “A Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas especializadas européias e brasileiras”, financiada pela FAPEMIG.

<sup>2</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design. Universidade Federal de Uberlândia. FAUeD - UFU. Av. João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia-MG, 38.408-100, guilhermesgraciano@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design. Universidade Federal de Uberlândia. FAUeD - UFU . Av. João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia-MG, 38.408-100, mbcappello@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

A documentação e a catalogação do material presente em revistas e periódicos são atividades cada vez mais defendidas nas pesquisas realizadas no meio acadêmico. O levantamento de tal material é importante para o meio arquitetônico para que se conheça e se interprete obras, e para que se avaliem os impactos e conseqüências que um edifício ou ideais estéticos e técnicos geraram em determinada época.

Esta pesquisa surgiu com o objetivo de documentar e catalogar o material publicado nas revistas brasileiras especializadas em arquitetura do período de 1945 a 1960, momento no qual a produção arquitetônica nacional adquiriu uma linguagem própria e repercussão internacional com a assimilação da arquitetura moderna. Ela toma como base uma pesquisa maior, intitulada “*Arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas européias e brasileiras (1945-1960)*”, desenvolvida pelo Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo da FAUeD/UFU<sup>4</sup>.

A documentação e catalogação do material encontrado nessas revistas são importantes para o entendimento dos rumos tomados pela história da arquitetura moderna brasileira, pois, como afirma Martins<sup>5</sup> (1988), a leitura crítica e histórica são elementos que se agregam à obra arquitetônica, ajudando a ditar o seu próprio futuro. Para ele, o historiador e o crítico de arquitetura também fazem história a partir do momento em que ajudam a determinar valores, reforçar tendências ou colaboram para o esquecimento ou institucionalização de obras e autores, participando dessa maneira, da “geração de cultura arquitetônica”. O material publicado nas revistas de arquitetura no período de 1945 a 1960 faz parte dessa crítica que ajudou a gerar a cultura arquitetônica moderna no Brasil e a análise dos projetos e dos artigos publicados nesses periódicos são testemunhos de como a arquitetura moderna foi recebida e difundida no país.

De encontro a isso, para esta pesquisa escolheu-se trabalhar com o periódico *Brasil: Arquitetura Contemporânea (BAC)*, uma revista carioca que surgiu quando a arquitetura moderna estava se consolidando no Brasil.

Ao se focar em uma só publicação a pesquisa poderá se aprofundar nos temas abordados por ela, assim como nos projetos selecionados para serem publicados e às críticas a eles dirigidos, podendo abranger detalhadamente todo o período de publicação da revista, que vai de 1953 a 1958, fazendo uma análise de como a revista apresenta a arquitetura moderna brasileira.

Segundo a *BAC*, em seu texto de apresentação<sup>6</sup> do primeiro número, o objetivo da revista é “difundir e documentar” o movimento moderno na arquitetura brasileira, assim como nas artes plásticas, e esse é um dos motivos de se escolher trabalhar com esse periódico nesta pesquisa, que procura tratar da difusão do projeto moderno brasileiro nas revistas de arquitetura.

Outro motivo de se escolher trabalhar com *Brasil: Arquitetura Contemporânea* é que a direção de redação e o corpo de colaboradores da revista são compostos por arquitetos e críticos de arte brasileiros e estrangeiros reconhecidos nacional e internacionalmente, e que

---

<sup>4</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo & Design da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>5</sup> MARTINS, C. A. F. (1988). *Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil*; a obra de Lúcio Costa. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - FFLCH-USP, 1988.

<sup>6</sup> APRESENTAÇÃO. *BAC*. Rio de Janeiro, n°1. 1953.

estavam diretamente envolvidos com a arquitetura e a arte moderna brasileira, assunto este que será tratado mais adiante nesta pesquisa.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Antes de começar a trabalhar com o material presente na revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* fez-se necessário um estudo das principais obras bibliográficas a respeito da arquitetura moderna brasileira, elegendo-se, principalmente, a obra de Philip Goodwin, *Brazil Builds*, de 1943, o livro de Henrique Mindlin, *Arquitetura Moderna no Brasil*, de 1956, que inclusive é um dos diretores de *BAC*, e o livro de Yves Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, que teve sua primeira edição no Brasil em 1981<sup>7</sup>. A análise dessa bibliografia, juntamente com o texto “Arquitetura Moderna: uma trama recorrente”<sup>8</sup> foi de suma importância para a compreensão desse período histórico, pois a partir da crítica e historiografia desses autores a respeito da arquitetura moderna brasileira é que foi feita uma análise dos textos teóricos e dos projetos publicados na revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea*. Ou seja, o estudo bibliográfico realizado constituiu a fundamentação para a documentação e análise do material encontrado no periódico.

Para encontrar e reunir este material pesquisou-se as bibliotecas que tinham a revista *BAC* em seus acervos e, em seguida, suas edições foram consultadas, documentadas e catalogadas. Após a catalogação, o material levantado foi estudado a fim de entendermos como a arquitetura moderna era discutida e documentada na revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* e como o movimento moderno era difundido no país.

## **A REVISTA BRASIL: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA**

A revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* foi editada por Edições Contemporâneas Ltda. na cidade do Rio de Janeiro, e esteve em circulação nacional durante o período de 1953 a 1958. Durante seus cinco anos de existência *BAC* publicou doze números em onze edições, sendo o número 2-3 uma edição única. As primeiras revistas publicadas, até a edição número 4, de 1954, foram bimestrais, mas a *BAC* não tinha um período de distribuição ordenado, sua periodicidade era irregular, não havendo uma uniformidade no intervalo de tempo entre suas publicações.

O fundador da *Brasil: Arquitetura Contemporânea* foi o arquiteto Gladson da Rocha<sup>9</sup>, que permaneceu como diretor geral da revista até 1956. A diretoria e o corpo de colaboradores de *BAC* contavam com arquitetos e críticos de arte e arquitetura, brasileiros e estrangeiros, renomados no Brasil e no mundo. Esse corpo de colaboradores e a direção da revista estavam diretamente envolvidos com a arquitetura e a arte moderna brasileira. Além de escreverem sobre o assunto, vários deles também são arquitetos que participaram diretamente da

---

<sup>7</sup> BRUAND, Y. L'architecture contemporaine au Brésil. Lille, Srtul, 1973. Esse livro foi publicado primeiramente em edição francesa e trata-se do resultado da tese (doutoramento) apresentada na universidade de Paris.

<sup>8</sup> Advindo da dissertação de mestrado de Carlos A. Ferreira Martins, “Arquitetura e Estado no Brasil”.

<sup>9</sup> Arquiteto que posteriormente faria parte da equipe inicial do Departamento de Urbanismo e Arquitetura para a construção da nova capital (DUA-NOVACAP), dirigido por Oscar Niemeyer.

produção de arquitetura moderna no Brasil, como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso E. Reidy, Rino Levi, os irmãos Roberto e Henrique Mindlin. Havia também artistas importantes que contribuíam na arquitetura com seus trabalhos em painéis de azulejos e murais, participando da chamada “síntese das artes” disseminada pela revista, como Candido Portinari e Athos Bulcão, além da contribuição de críticos e disseminadores internacionais do Movimento Moderno como Walter Gropius e Sigfried Giedion.

Mário Barata<sup>10</sup>, um dos maiores críticos de arte do Brasil, era o diretor responsável por assuntos de artes plásticas na revista desde sua fundação, sendo também, a partir da edição número 7, de 1956, redator chefe da BAC, permanecendo na revista até a edição número 10, em 1957.

Henrique Mindlin fez parte do corpo de diretores da revista, sendo o diretor responsável por arquitetura, juntamente com Álvaro Vital Brazil, de 1954 a 1957. Mindlin foi um arquiteto carioca, com vários projetos construídos, um inclusive publicado na BAC. É dele também a autoria do livro *Arquitetura Moderna no Brasil* (1956), que traz um inventário da arquitetura moderna brasileira até aquele presente momento, atualizando o levantamento de 1943, feito por Goodwin para o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, intitulado *Brazil Builds*. Álvaro Vital Brazil também foi um arquiteto brasileiro, que trabalhou no Rio de Janeiro e em São Paulo, suas obras ajudaram a difundir o movimento moderno no Brasil, chegando ele a se filiar aos CIAM<sup>11</sup>, como Mindlin.

O engenheiro Joaquim de Almeida Mattos participou da direção de BAC desde sua fundação, em 1953, até seu fechamento, em 1958, na maior parte do tempo como diretor responsável por urbanismo.

Os arquitetos David Libeskind e Ricardo Menescal assumiram a diretoria responsável por arquitetura após a saída de Henrique Mindlin e Álvaro Vital Brazil. Eles participaram das duas últimas edições de BAC nos anos de 1957 e 1958. A revista número 12, de 1957/58, além desses dois arquitetos, contou também com José Bina Fonyat, Fernando Ballalai, José Carlos Bross e Ubirajara Ribeiro para fazer os “comentários de arquitetura”.

Também fizeram parte da diretoria da revista, jornalistas, arquitetos, artistas e engenheiros como Osmar Castro, Isis Blume Fortes, Willy Fontenelle, Arnaldo Soares Forte, Waldemar Asp, Eduardo Haddad, Jorge Sampaio, entre outros.

O corpo de colaboradores de *Brasil: Arquitetura Contemporânea* começou pequeno, como um “conselho consultivo” que contava, em 1953, na primeira edição da revista, com Affonso Reidy, Alcides Rocha Miranda, Joaquim Cardoso, José de Souza Reis, Quirino Campofiorito e Sérgio Bernardes, chegando a ter mais de sessenta colaboradores com o decorrer de suas publicações, contando, além desses primeiros, com Acácio Gil Borsoi, Carmen Portinho, Cândido Portinari, Walter Gropius, Lúcio Costa, Rino Levi, Sigfried Giedion, M.M.M. Roberto, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, entre outros.

*Brasil: Arquitetura Contemporânea* teve como objetivo documentar e difundir o movimento moderno no país, ela surgiu quando este movimento estava se firmando na arquitetura brasileira, em 1953, durando até 1958, pouco antes da inauguração da nova capital federal, Brasília. BAC documentou a arquitetura moderna brasileira existente durante a década de

<sup>10</sup> Que além de crítico de arte, também foi jornalista, professor de história da arte em diversas universidades brasileiras e estrangeiras, e colaborador de grandes entidades artísticas.

<sup>11</sup> Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

1950 e a difundiu por todo o país, relatando, tomando partido e discutindo os assuntos pertinentes à arquitetura e às artes durante aquela década.

## O DEBATE DA ARQUITETURA BRASILEIRA NA REVISTA BAC

No texto “Apresentação”<sup>12</sup> de seu primeiro número, o editorial de *Brasil: Arquitetura Contemporânea* expõe que seu objetivo é “documentar e difundir” o movimento moderno brasileiro. A revista defende a arquitetura moderna como a oportunidade de modernização do país, dizendo que as composições racionais e os valores estéticos das construções modernas estimulam e inspiram a “modernização de muitos serviços e promessas de trabalho”.<sup>13</sup>

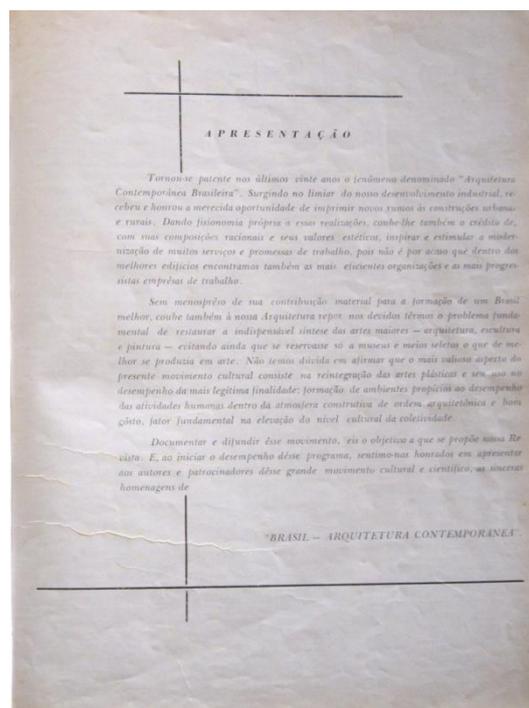
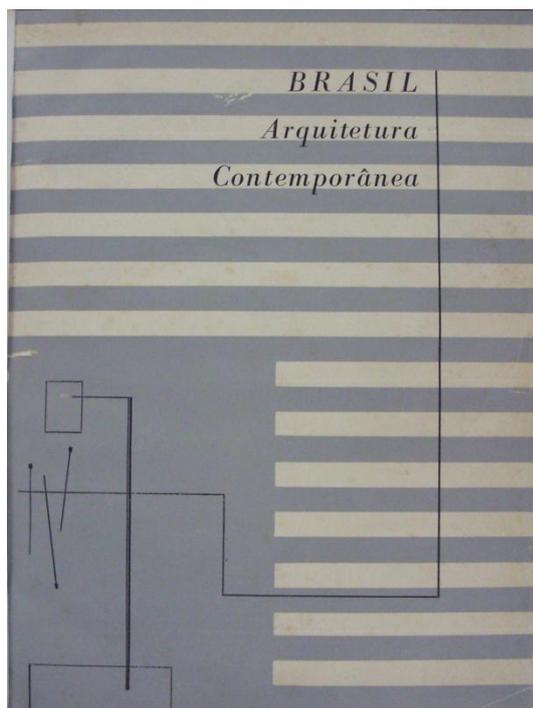


Figura 1: Capa da primeira edição de *BAC* e página contendo a Apresentação, 1953.

A síntese das artes, que é um tema recorrente em *BAC* durante a maior parte de suas edições, é tratada no texto de seu primeiro editorial como sendo a arquitetura a responsável pela democratização de obras como a escultura e a pintura, “evitando ainda que se reservasse só a museus e meios seletos o que de melhor se produzia em arte. (...) fator fundamental na elevação do nível cultural da coletividade.”<sup>14</sup>

Mário Barata, ao explicar o contexto em que se encontrava o Brasil no momento em que *BAC* é lançada, diz, no artigo intitulado “O Surto e os Problemas da Atual Arquitetura Brasileira”, que a “revista sai num momento em que o número de construções projetadas por bons

<sup>12</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, nº 1. 1953.

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Idem

arquitetos aumenta, e no qual se anuncia uma revisão crítica das bases desse trabalho”<sup>15</sup>, o artigo é escrito às vésperas do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos o qual, segundo Barata, teria uma tarefa fundamental no entendimento da arquitetura da época, podendo se transformar num dos “marcos decisivos da evolução da arquitetura brasileira”<sup>16</sup>. O problema ao qual se refere já no título do artigo é que, apesar de toda a ótima produção brasileira, há arquitetos “de não tão boa qualidade”, que por oportunismo, agem de forma leviana devido à facilidade encontrada por conta do crescente mercado da construção civil, produzindo obras arquitetônicas de baixa qualidade. Por esse motivo o IV Congresso Brasileiro de Arquitetura, feito pelo IAB-SP em 1954, como parte das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, deveria propor a revisão dos problemas e da situação sociológica da arquitetura brasileira.

Naquele momento, em 1953, exatamente dez anos após a exposição e a publicação “*Brazil Builds*”<sup>17</sup>, realizadas pelo Museum of Modern Art de Nova Iorque, a arquitetura moderna brasileira estava no auge de seu prestígio, sendo estudada e analisada por críticos de todo o mundo. *BAC* comentava e rebatia as críticas dirigidas à arquitetura brasileira, como no famoso fato da vinda de Max Bill<sup>18</sup> ao Rio de Janeiro, onde em algumas palestras e entrevistas ele criticou o partido adotado no edifício do Ministério da Educação e Saúde<sup>19</sup> e a arquitetura brasileira em geral, dizendo ser ela muito “formalista”. Estes pronunciamentos de Max Bill foram rebatidos por Quirino Campofiorito<sup>20</sup> em um artigo publicado pela *BAC*, dizendo que:

É de lamentar o que ouço dizer o ornamentista Max Bill, da arquitetura contemporânea brasileira, justamente quando os nossos melhores arquitetos alcançam legítimos sucessos com exposições de suas obras nos grandes centros europeus. É por demais sabida a sua rivalidade com Le Corbusier, em cuja orientação se formaram os nossos melhores arquitetos ora aplaudidos mundialmente. Por isto justamente o palácio do Ministério da Educação e Saúde foi o mais detratado pelo nosso visitante. Justamente porque se trata de uma construção que respeita os planos traçados por Le Corbusier. Daí ser irrisória a opinião de Max Bill sobre a arquitetura brasileira, pois traz ela a marca de uma fraqueza que ele não consegue vencer, como seja a rivalidade com seu compatriota de justa fama internacional como arquiteto.<sup>21</sup>

Além de tratar como “irrisória” a opinião de Max Bill sobre o “formalismo” da arquitetura brasileira, Campofiorito termina o artigo direcionando críticas a ele, dizendo que diante das perguntas feitas nas entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, Max Bill pouco disse e em algumas vezes não disse nada, e que ele, como “anti-figurativista” não revelava nenhum

---

<sup>15</sup> BARATA, Mário. O Surto de Problemas da Atual Arquitetura Brasileira. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n°1, p.21, 1953.

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> GOODWIN, Philip Lippincott. *Brazil Builds : architecture new and old, 1652-1942*. New York : The Museum of Modern Art, 1943.

<sup>18</sup> Foi um designer gráfico, designer de produto, arquiteto, pintor, escultor, professor e teórico suíço.

<sup>19</sup> Edifício projetado no Rio de Janeiro por um grupo de arquitetos brasileiros, dentre eles Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, sob consultoria do arquiteto franco-suíço Le Corbusier.

<sup>20</sup> Foi um pintor, desenhista, gravador, crítico e historiador da arte, ilustrador, caricaturista e professor. É natural de Belém do Pará, mas viveu e trabalhou boa parte da vida no Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> CAMPOFIORITO, Quirino. Max Bill no Rio de Janeiro. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n°1, p.22. 1953.

sentimento social e nenhuma posição política, afirmando ser “incoerente combater o ‘abstracionismo’ quando na realidade, a esta mesma corrente ideológica se está servindo”<sup>22</sup>.

As primeiras edições de BAC adotam uma posição rebatedora a respeito das críticas voltadas à arquitetura brasileira, como uma espécie de protecionismo da produção nacional, que tinha alcançado um respaldo internacional inédito até então. Esta posição rebatedora de críticas é revista por Henrique Mindlin posteriormente, em um editorial de 1955<sup>23</sup>, onde ele considera a necessidade de maior ponderação diante das possíveis críticas à arquitetura brasileira para que haja uma opinião consciente diante delas.

Na publicação de obras arquitetônicas, BAC exhibe as plantas dos edifícios e os cortes explicativos, juntamente com fotos que mostram as qualidades plásticas e construtivas do prédio, sempre acompanhados de comentários dos autores do projeto ou dos editores da revista. *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, em seu primeiro número, apresenta sete projetos, dentre eles o Conjunto Residencial do Pedregulho, de Affonso Reidy e o Edifício Seguradoras, dos irmãos Roberto.

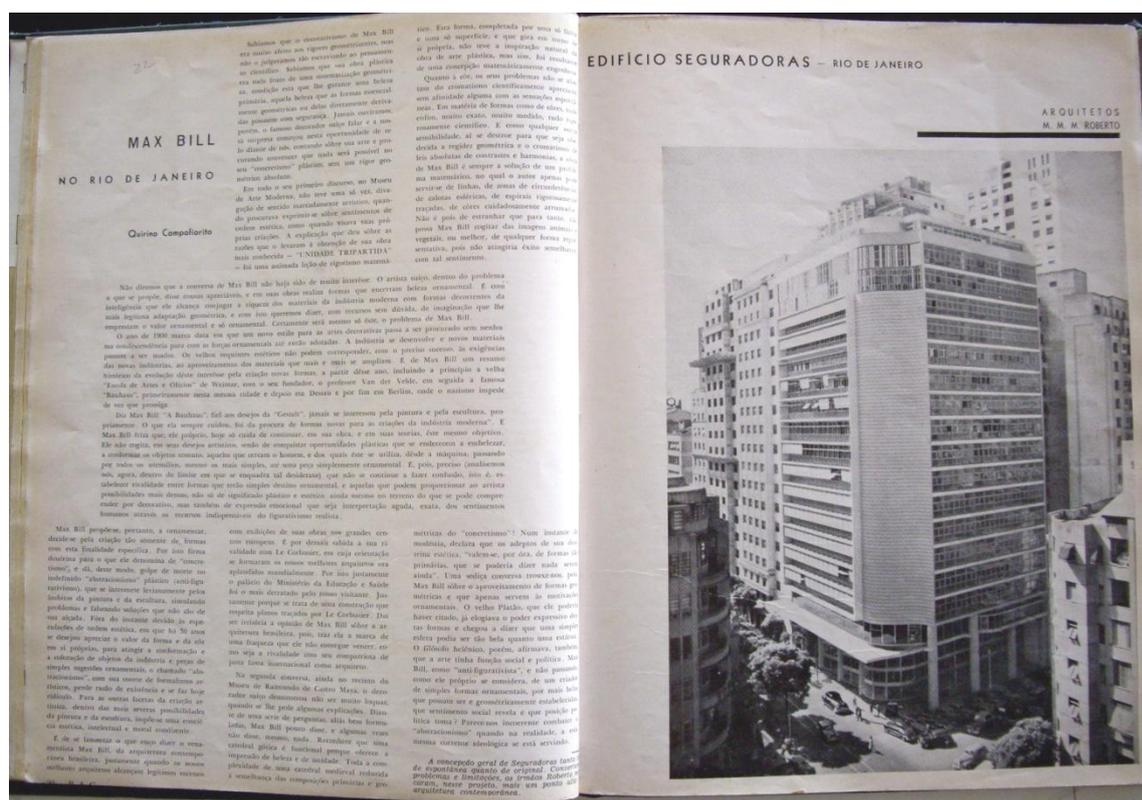


Figura 2: BAC n.º 1. 1953. Páginas 22 e 23 da primeira edição de BAC mostrando o artigo de Quirino Campofiorito, “Max Bill no Rio de Janeiro”, e primeira página da matéria sobre o Edifício Seguradoras, do escritório M.M.M. Roberto.

<sup>22</sup> Idem

<sup>23</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n.º 5. 1955.

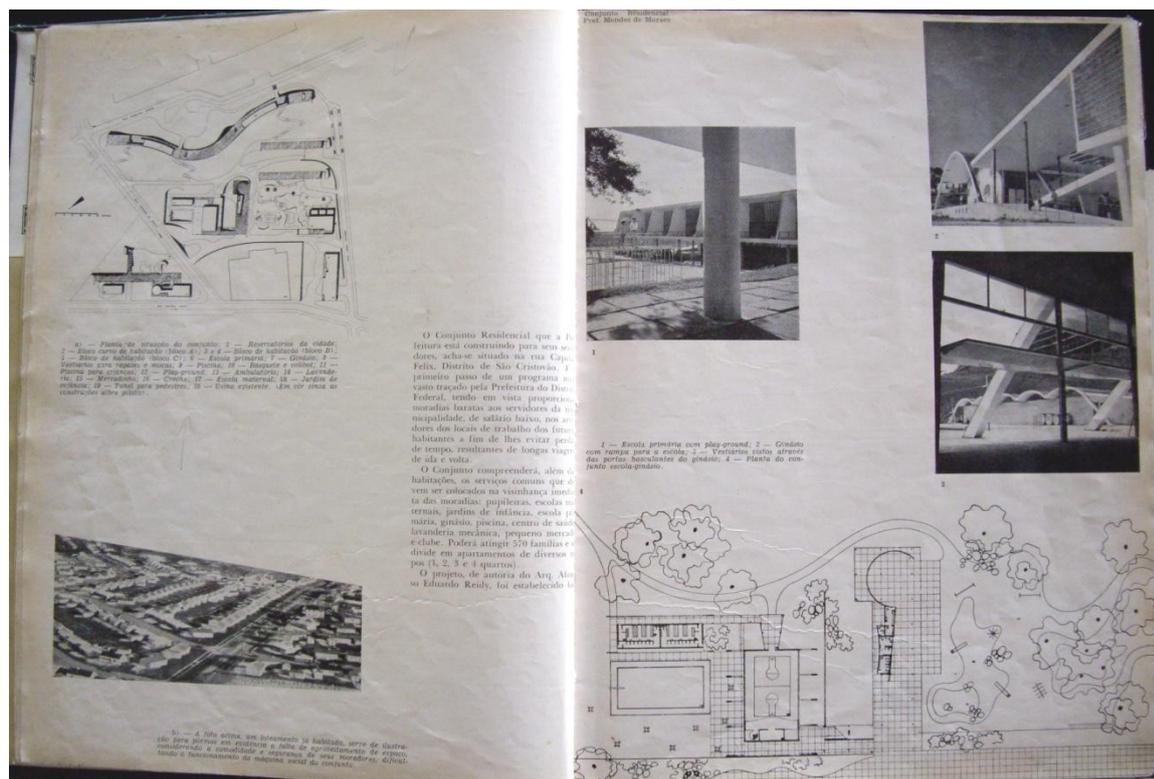


Figura 3: BAC nº1. 1953. Páginas 6 e 7 da primeira edição de BAC mostrando parte da matéria sobre o Conjunto do Pedregulho, onde se vê as plantas de situação do conjunto e da escola-ginásio e fotos do projeto.

O Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o famoso Pedregulho, de Affonso Reidy é tratado como um projeto excepcional em que o arquiteto soube compreender uma questão social e urbanística, resolvendo o problema de habitação para os funcionários municipais do Rio de Janeiro, proporcionando moradias baratas nos arredores dos locais de trabalho dos moradores.

BAC diz que a compreensão de Reidy para com este problema social e para com as especificidades do terreno foi a “chave principal para tão harmoniosa solução, transformando dificuldades de ordem técnica em valores positivos”<sup>24</sup>, chegando a afirmar que “outro local para um projeto de caráter semelhante não poderia ser de topografia mais ideal”<sup>25</sup>. São elogiados também a harmonia do conjunto e o “interesse decorativo” proporcionado pelos painéis de Portinari e Burle Marx para o ginásio e para a escola, tais obras de arte são vistas pela revista como uma “exposição de perfeita integração plástica de gosto aprimorado”<sup>26</sup>. Nota-se neste caso a escolha de um projeto excepcional, onde além da preocupação com a qualidade plástica, volumétrica, espacial e a utilização de painéis artísticos no conjunto, há também o caráter social e urbano do projeto.

<sup>24</sup> REIDY, Affonso Eduardo; BOLONHA, F; PORTINHO, Carmen; LOPES, S; SANTOS, S; ASTRACAN, D; AGUIAR, G.. Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, nº1, p.4-16. 1953.

<sup>25</sup> Idem

<sup>26</sup> Idem

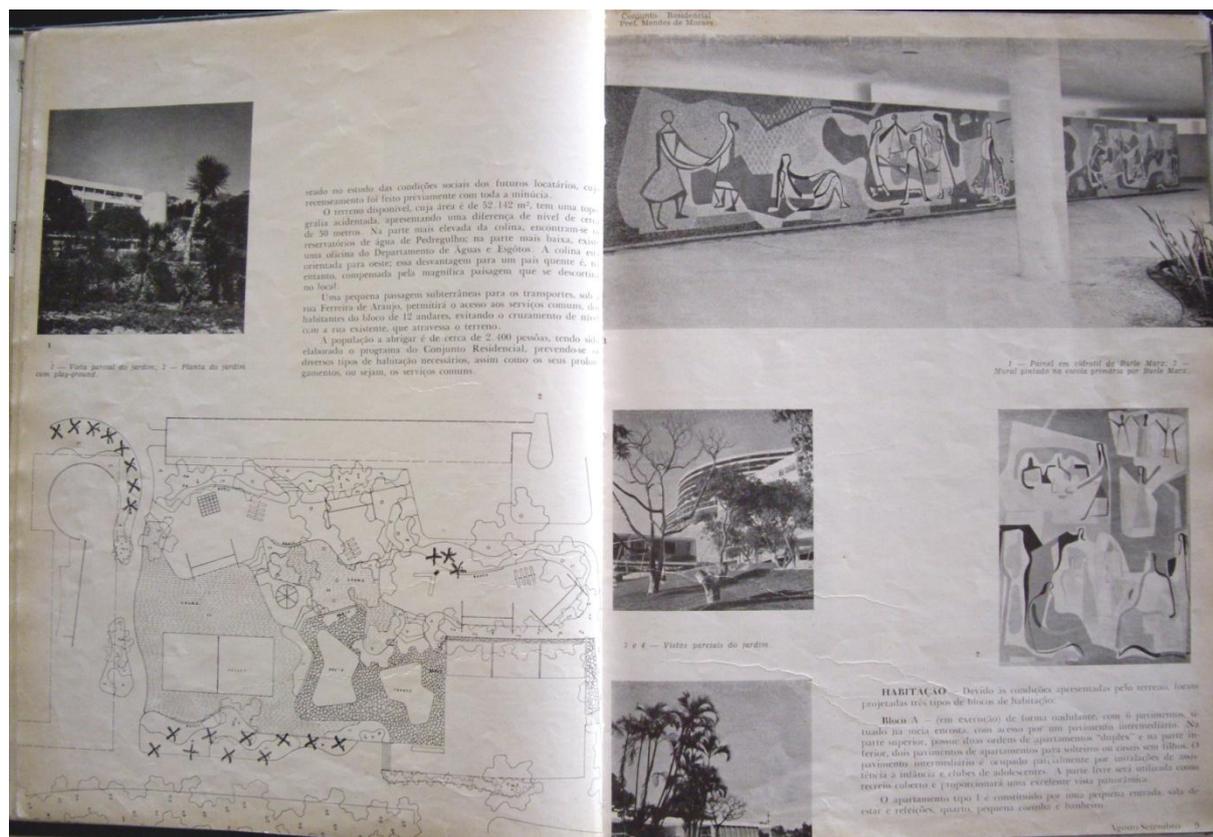


Figura 4: *BAC* n°1, 1953. Páginas 8 e 9 da primeira edição de *BAC* mostrando parte da matéria sobre o Conjunto do Pedregulho, onde se vê a planta do jardim com playground, fotos de vistas do conjunto e do painel de Burle Marx para a escola primária.

Na matéria sobre o Edifício Seguradoras, projetado pelo escritório M.M.M. Roberto no Rio de Janeiro, *BAC* ressalta o tratamento de problemas técnicos na composição plástica do prédio. As soluções técnicas como o uso dos quebra-sóis móveis que formam a fachada e a solução para o ângulo desfavorável da esquina, onde é criado um plano curvo com um painel em mosaico de Paulo Werneck, que também tem alguns painéis no interior do edifício, são tidos como os “mais honestos tratamentos de problemas técnicos e recursos materiais”.

No ano de 1954 acontece na capital paulista a II Bienal de Arte de São Paulo, que é organizada concomitantemente à 2ª Exposição Internacional de Arquitetura e ao Prêmio São Paulo, organizados em conjunto com o IAB. A II Bienal é amplamente documentada e difundida pela *BAC*, que organiza duas edições, o número 2-3 e o número 4. No editorial de 1953/54, a revista registra que “acontecimento de tal magnitude não caberia no espaço de um só número de nossa publicação”<sup>27</sup>. A *BAC* número 2-3, do final do ano de 1953 e começo do ano de 1954, traz um apanhado do que está sendo apresentado e exposto na II Bienal, já a revista número 4, de 1954, apresenta os projetos expostos e premiados no evento.

Sérgio Milliet<sup>28</sup>, em “Introdução à II Bienal”<sup>29</sup>, publicado na *BAC* número 2-3, diz que o objetivo da I Bienal, de colocar a arte moderna brasileira em contato com a arte estrangeira e

<sup>27</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 2-3, 1953/54

<sup>28</sup> Foi um escritor, crítico de arte, sociólogo, professor, tradutor e pintor. Natural de São Paulo.

dar a São Paulo uma posição de centro artístico mundial havia sido alcançado, e o que confirmava isso, segundo ele, era o “volume e a qualidade das obras apresentadas”<sup>30</sup> na II Bienal. As obras de arte expostas, separadas por seus artistas e países de origem são em sua maioria documentadas na *BAC* número 2-3, que faz um levantamento geral das obras e projetos expostos na Bienal. O enfoque deste número à arquitetura se dá pela apresentação do Conjunto Arquitetônico do Parque do Ibirapuera e pela matéria dedicada a Walter Gropius, o homenageado pelo Prêmio São Paulo daquele ano.

O Prêmio São Paulo era uma premiação internacional de arquitetura conferida de dois em dois anos pela Fundação Andréa e Virgínia Matarazzo “com objetivo de laurear a atividade criadora de um arquiteto de qualquer nacionalidade, cuja obra seja de significação internacional no desenvolvimento da arquitetura contemporânea”<sup>31</sup>. O Prêmio do ano de 1954 foi concedido por unanimidade do júri internacional a Walter Gropius, que “de conformidade com o Regulamento do Prêmio veio a São Paulo apresentar exposição completa de sua obra, em sala especial no Palácio dos Estados, no Parque do Ibirapuera”<sup>32</sup>. A revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* não só documentou este fato na edição 2-3, como também publicou dois artigos de Gropius, um referente à conferência pronunciada pelo arquiteto na sessão de instalação do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, intitulado “O Arquiteto na Sociedade Industrial”<sup>33</sup>, e outro com o título de “Minha Concepção da Idéia de Bauhaus”<sup>34</sup>, difundindo seus ideais e teorias de arquitetura.

O Conjunto Arquitetônico do Parque Ibirapuera, projetado para a comemoração do quarto centenário da cidade de São Paulo por Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa, Zenon Lotufo e Eduardo Kneese, com a colaboração de Gauss Estelita e Carlos Lemos, foi o único projeto publicado na edição 2-3 da *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, este fato se deve ao enfoque dado à II Bienal neste número, sendo as outras matérias publicadas ligadas às exposições de artes e de arquitetura que aconteceriam na Bienal, sediada em um dos pavilhões do Parque. Os pavilhões, auditório, marquise e todos os outros prédios que formam o conjunto do Parque Ibirapuera foram apresentados em um artigo<sup>35</sup> de Joaquim Cardoso, que antes de elogiar as qualidades plásticas ousadas do conjunto arquitetônico do Parque, faz ressalvas quanto às “invenções”<sup>36</sup> de arquitetos menos talentosos, dizendo que quando tais invenções são assinadas por mestres da arquitetura como Niemeyer, Reidy ou Corbusier elas obedecem a certas proporções e são mais controladas e contidas, porém era preciso ter cautela para que “arquitetos menos talentosos” não fizessem “invenções” arbitrárias e gratuitas. Os edifícios são descritos com o auxílio de desenhos técnicos e fotos dos pavilhões em construção e da

---

<sup>29</sup> MILLIET, Sérgio. Introdução à II Bienal. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n° 2-3. p. 2. 1953/54.

<sup>30</sup> Idem

<sup>31</sup> MATTOS, Joaquim. Walter Gropius e o Prêmio São Paulo. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p. 44-6. 1953/54.

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> GROPIUS, Walter. O Arquiteto na Sociedade Industrial. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p.47-8. 1953/54.

<sup>34</sup> GROPIUS, Walter. Minha Concepção da Idéia de Bauhaus. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p.42-3. 1953/54.

<sup>35</sup> CARDOSO, Joaquim. O Conjunto Arquitetônico de Ibirapuera. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p. 49-54. 1953/54.

<sup>36</sup> Idem

maquete. O paisagismo, de autoria de Burlle Marx, é descrito em uma matéria<sup>37</sup> de Claude Vicent na qual ele descreve todos os nichos dos jardins do Parque. Há também um artigo referente às obras do Parque e ao aproveitamento dos pavilhões após as comemorações do quarto centenário de São Paulo, que até aquele momento ainda era incerto, mas mesmo assim, o texto diz que, independente das funções dadas a cada prédio “tudo deve ser feito para que a unidade da obra seja mantida”<sup>38</sup>.

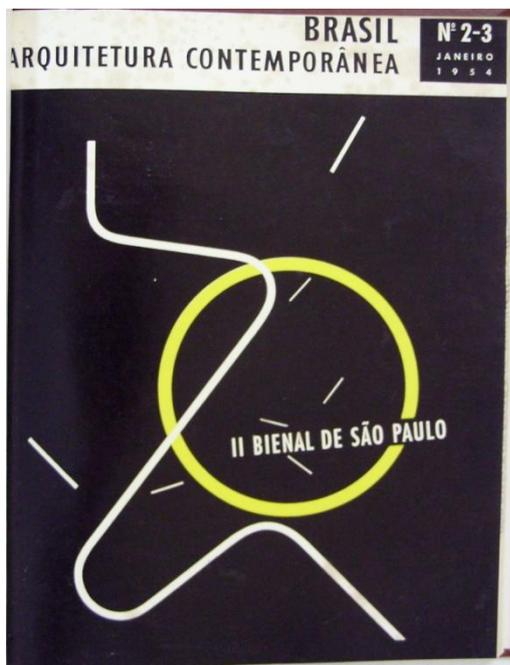


Figura 5: Capa da *BAC* número 2-3, de autoria de Danilo Di Prete, 1954.



Figura 6: Página 49 da edição número 2-3 de *BAC*, primeira página da matéria sobre o Conjunto Arquitetônico do Ibirapuera.

Após a Bienal, a *BAC* publica a edição número 4, que apresenta “uma parte da contribuição brasileira à Exposição Internacional de Arquitetura da II Bienal”<sup>39</sup>. Nesta edição são apresentados alguns projetos que foram premiados na Bienal, alguns que receberam menção honrosa e outros projetos brasileiros que estavam em evidência naquele ano. O editorial lamenta o pequeno número de premiações que é dado a arquitetos brasileiros, que, segundo a revista, se deve à “modéstia ou a displicência de alguns arquitetos patrícos que deixaram de participar dessa importante exposição”<sup>40</sup>.

Os projetos selecionados para a publicação foram o Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil, projetado por Jorge Machado Moreira, Aldary Toledo e Orlando Magdalena, premiado na categoria de Hospitais; o Edifício Antonio Ceppas, premiado na categoria de Habitações Coletivas e projetado por Jorge Machado Moreira; três residências de Sérgio

<sup>37</sup> VICENT, Claude. Jardins do Parque do Ibirapuera. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p. 55-8. 1953/54.

<sup>38</sup> As Obras e a Organização do Parque do Ibirapuera no IV Centenário de São Paulo. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro. n°2-3. p.59-62. 1953/54.

<sup>39</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 4. 1954.

<sup>40</sup> Idem

Bernardes, que recebeu o prêmio de Jovem Arquiteto Brasileiro com a Residência Carlota Macedo Soares; e jardins e painéis residenciais de Burtel Marx, que também foi premiado. Além destes projetos premiados, também são publicados os projetos da Residência de Canoas, de Oscar Niemeyer; o Prédio de Apartamentos de Giancarlo Piretti, a residência do arquiteto Arnaldo Paoliello, a Piscina Coberta de Ícaro de Castro Mello e a nova sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de Affonso Reidy. Nota-se que a revista publica neste número, não só os trabalhos premiados na II Bienal, como também as obras de maior destaque na produção arquitetônica daquele ano, no que diz respeito à arquitetura moderna.



Figura 7: Capa da BAC edição número 4, 1954, de autoria de Nelida Fedullo e Osmar Castro.

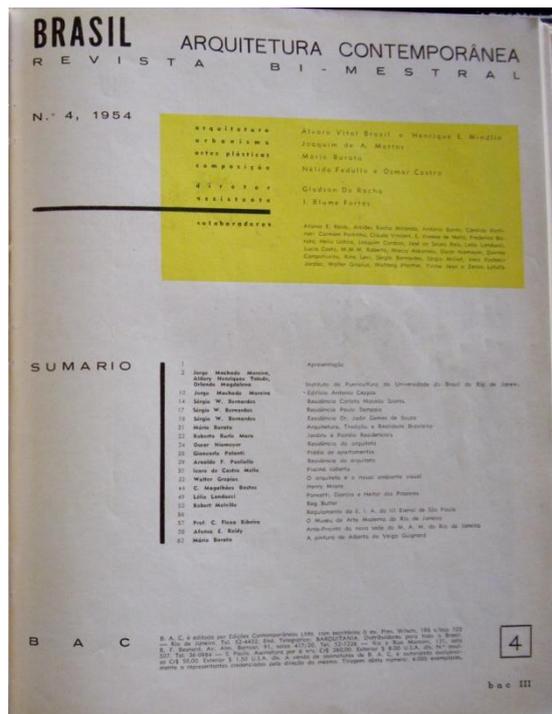


Figura 8: Sumário da edição número 4 de BAC, 1954, onde a composição gráfica também é de Nelida Fedullo e Osmar Castro.

No editorial do número 5, de 1955<sup>41</sup>, Henrique Mindlin, diante da crítica internacional à arquitetura brasileira, constata que naquele momento era preciso haver uma conscientização, uma tomada de posição em relação às críticas, feitas por críticos bons e ruins de todo o mundo. A arquitetura moderna brasileira, que estava sendo difundida internacionalmente a mais de uma década, desde a exposição “Brazil Builds” realizada no MoMa<sup>42</sup> em 1943, estava sendo estudada e questionada, e diante disso Mindlin constata que:

De uns tempos para cá, a crítica internacional, que desde 1943 dispensara à arquitetura brasileira os maiores elogios e os mais irrestritos louvores, começou a manifestar, por vezes, uma tendência diferente. (...) Muitas vezes tais dúvidas e tais objeções não revelam senão ignorância dos nossos problemas e incompreensão das condições em que se desenvolve a nossa luta – a luta pela cristalização de uma linguagem arquitetural em que se possa formular, nos nossos dias, e para os nossos dias a solução inteligente e

<sup>41</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 5. 1955.

<sup>42</sup> Museu de Arte Moderna de Nova Iorque

humana desses problemas. (...) Não nos interessa aqui, entretanto, debater as críticas referidas. Mais importante, neste sentido, é nos situarmos conscientemente diante dessa crítica. Uma tomada de posição dessa ordem não somente há de evitar mal entendidos estéreis, como também há de servir para que a utilidade eventual dessas restrições não se perca no choque das susceptibilidades descabidas e das discussões pessoais.<sup>43</sup>

Mindlin não vê a crítica à arquitetura brasileira como ruim, apenas ressalta a importância de se considerar o que esta sendo dito. A crítica, para ele, serviria de algum proveito aos arquitetos brasileiros e reforçava ainda mais a posição importante que o país passava a ocupar no cenário internacional da arquitetura.

Esta edição da *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, tem como tema “Atualidades e Projetos”<sup>44</sup>, e publica treze obras de arquitetos como Affonso Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Oswaldo Bratke e David Libeskind. Dentre esses projetos destacam-se o Colégio Experimental Paraguai-Brasil, de Reidy, o Atelier junto à residência de Oswaldo Bratke, uma residência em Belo Horizonte de David Libeskind, o Museu de Arte Moderna de Recife, projetado por Borsoi, e o Jockey Club de Uberaba, cujo projeto é de Ícaro de Castro Mello.

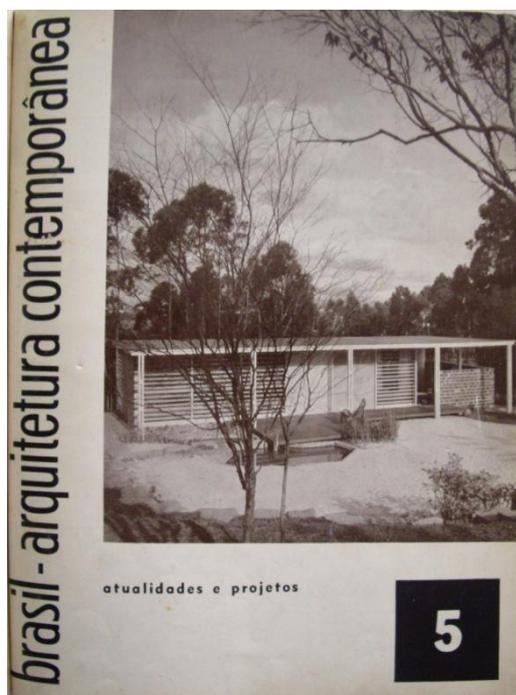


Figura 9: Capa da edição número 5 da BAC, com o tema “Atualidades e Projetos”, de autoria de Osmar Castro, 1955.

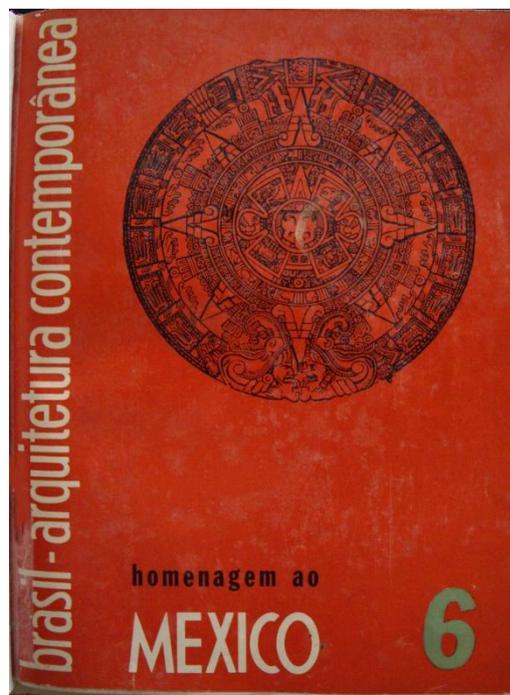


Figura 10: Capa da edição número 6 da BAC, com o tema “Homenagem ao México”, de autoria de Athos Bulcão, 1955.

Ainda em 1955, BAC publica sua sexta edição, com o tema “Homenagem ao México”<sup>45</sup>. Hector Hernandez, no editorial deste número, diz que naquele presente momento em que a arquitetura era tão discutida, “nada pode ser mais proveitoso que o conhecimento dos resultados obtidos em países que nos são afins”<sup>46</sup>. Esta edição publica projetos de arquitetos

<sup>43</sup> Idem

<sup>44</sup> “Atualidades e Projetos”. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 5. 1955.

<sup>45</sup> “Homenagem ao México”. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 6. 1955.

<sup>46</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 6. 1955.

mexicanos tais como Luis Barragán, Juan Sordo Madaleno, Ramón Marcos, Mario Pani, Pedro Vasquez e Jayme Monasterio. Este número vem como uma apresentação e análise comparativa da produção de outro país latino-americano, com características semelhantes à realidade brasileira, onde também estava a realizar-se uma grande e importante produção moderna em arquitetura.

O tema da habitação foi tratado em 1956, em uma edição especial sobre o assunto, a *BAC* número 7<sup>47</sup>. Nesta edição são publicados cinco conjuntos habitacionais, representando o que de melhor se produzira no Brasil em termos de habitação popular e conjuntos residenciais. Os projetos publicados são: o Conjunto Residencial Marquez de São Vicente, de Affonso Reidy; o Conjunto Residencial para Operários em São José dos Campos, de Rino Levi; o Conjunto para a Companhia Siderúrgica Mannesmann, de Henrique Mindlin; o Conjunto Residencial de Vila Izabel, de Francisco Bolonha e o Conjunto para a Petroleira União, de David Libeskind. No editorial desta edição<sup>48</sup>, Henrique Mindlin diz que a solução para o problema da habitação não está nas mãos dos arquitetos e urbanistas, estes correspondem a apenas parte da solução, a parte da contribuição técnica, que mesmo sendo de fundamental importância devido à capacidade planejadora e ordenadora dos profissionais, não tem o poder de efetivação e concretização desses projetos, que é uma função da iniciativa privada bem intencionada e fundamentalmente, do Estado.

A verdade é que a resolução do problema [da habitação] depende, em primeira linha, da orientação do Estado no assunto. Trata-se de uma necessidade permanente, de interesse coletivo, nacional, que afeta o desenvolvimento social e econômico do país tanto quanto as questões de educação, saúde, transporte, ou qualquer das outras normalmente enquadradas na órbita das funções governamentais. Assim como o saneamento em geral, a alfabetização das massas, a organização e o planejamento dos transportes (para não falar, por exemplo, da segurança contra a agressão vinda do exterior, ou a própria defesa da propriedade) são problemas que não poderiam ser enfrentados apenas no âmbito da iniciativa particular, e constituem por isso mesmo função específica do Estado, o problema da habitação condigna para as classes menos afortunadas também exige ação contínua por parte do Governo.<sup>49</sup>

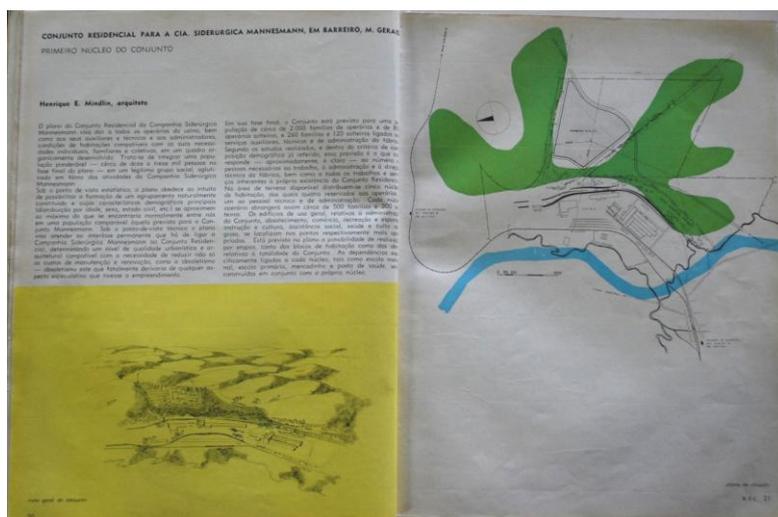


Figura 11: Páginas 20 e 21 da edição número 7 de *BAC* mostrando o início da matéria a respeito do Conjunto Residencial para a Cia. Siderúrgica Mannesmann, do arquiteto Henrique Mindlin, 1956.

<sup>47</sup> “Conjuntos Residenciais”. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de J

<sup>48</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 7. 1956.

<sup>49</sup> Idem

Acompanhando o tema da habitação social, a revista publica um artigo, intitulado “Situação da Arquitetura Brasileira”<sup>50</sup>, referente a uma tese aprovada no IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, apresentada por Demétrio Ribeiro, Nelson Souza e Enilda Ribeiro, que propunha a solução das necessidades arquitetônicas no país. Esta tese faz um apelo à democratização da arquitetura para a satisfação das necessidades da população brasileira, considerando a realidade do país e deixando de lado a vaidade pessoal do arquiteto, que prejudica a discussão da arquitetura moderna no Brasil. Essas questões, segundo a tese, deveriam ser discutidas no IAB, nas organizações estudantis e nas Escolas de Arquitetura.

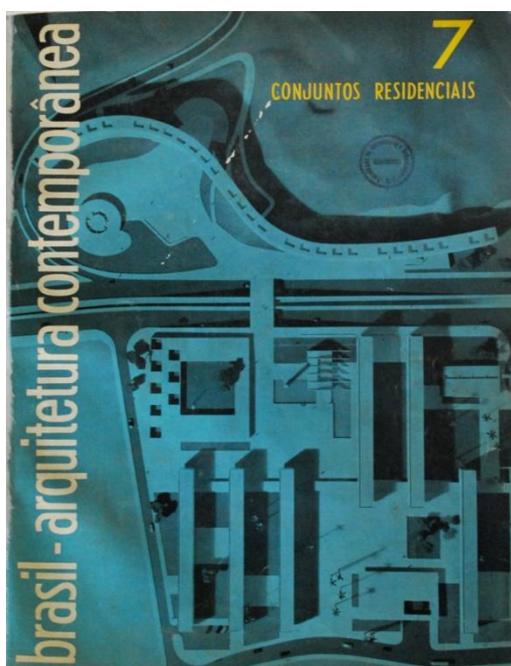


Figura 5: Capa da edição número 7 de *BAC*, de autoria de Athos Bulcão, o qual, para ilustrar o tema “Conjuntos Residenciais” utiliza uma imagem da maquete do projeto do Conjunto Residencial Marques de São Vicente, de Reidy, 1956.

Na “Apresentação”<sup>51</sup> do oitavo número de *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, Álvaro Vital Brazil faz observações quanto aos caminhos que a arquitetura brasileira estava tomando, ele se preocupa com a maneira que a arquitetura estava se conduzindo no país. No editorial, Vital Brazil ressalta que é preciso ter cautela com os individualismos e formalismos na arquitetura, pois as “soluções malabarísticas” que as novas técnicas de construção proporcionavam também poderiam conduzir aos “piores resultados”. Ele também chama a atenção para a arquitetura dos grandes mestres do modernismo europeu, que sempre estiveram ao lado da arquitetura moderna brasileira e que não poderiam ser esquecidos ou ignorados por puro nacionalismo e individualismo.

<sup>50</sup> RIBEIRO, Demétrio; SOUZA, Nelson; RIBEIRO, Enilda. Situação da Arquitetura Brasileira. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 7. p. 43-4. 1956.

<sup>51</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 8. 1956.

É portanto da máxima justiça reconhecermos que apesar deste imenso fardo que carregavam os homens que viviam nos centros mais evoluídos, foram eles que nos mostraram o novo e verdadeiro caminho. Nos referimos à Europa e a seus grandes arquitetos que, como uma visão espantosa souberam se desvencilhar do “academismo” e iniciar o movimento que tanto reflexo teve sobre nós. Não devemos esquecer e sim procurar estudar e meditar a obra destes gigantes que ai estão nos dando sempre lições. Deixemos um pouco de lado uma vaidade extemporânea e acalmemos um pouco o nosso espírito nacionalista ou “individualista” para nos submeter, não a regras ou disciplinas, mas a um espírito que para perdurar deve manter a sua pureza inicial. Uma arquitetura é fruto de várias gerações e não de indivíduos. Deixemos os decorativos e procuremos, sinceramente, a verdade. Arquitetura além de técnica é ciência, é arte. Mas somente arte não faz arquitetura. Não tenhamos duvidas que as soluções malabarísticas que nos permite a técnica atual pode também nos conduzir aos piores resultados. (...) Estamos certos que, mais tarde, ou mais cedo, voltaríamos ao bom caminho, mas para que contornos inúteis, o caminho é reto.<sup>52</sup>

Nesta edição, de número 8, além da publicação de importantes projetos como o Edifício Marquez de Herval, do escritório M.M.M. Roberto e o Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, de Hélio Ribas e Márcio Konder, a *BAC* também publica uma matéria informando sobre o lançamento do livro de Henrique Mindlin, *Arquitetura Moderna no Brasil*<sup>53</sup>. Mindlin que, como já foi dito, era um dos diretores da *BAC*, traz em seu livro um inventário sobre a produção da arquitetura moderna brasileira até aquele momento. A publicação de *Arquitetura Moderna no Brasil* foi vista como uma atualização do levantamento feito por Philip Goodwin em seu livro de 1943, publicado pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, intitulado *Brazil Builds*.

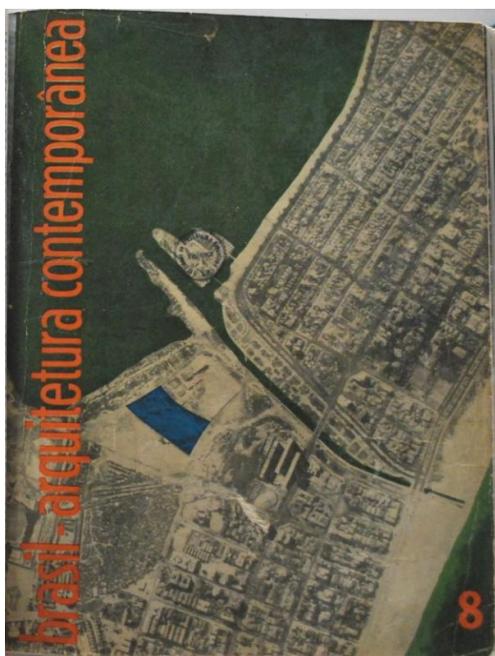


Figura 13: Capa da edição número 8 de *BAC*, de 1956, a foto é uma cortesia do serviço de aerofotogrametria da Cruzeiro do Sul.



Figura 14: Página 55 da edição número 8 da *BAC*, mostrando artigo de Lucio Costa referente ao livro *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin.

<sup>52</sup> Idem

<sup>53</sup> C.M.B. O livro de Henrique Mindlin. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 8. p.54. 1956.

Várias das obras arquitetônicas publicadas na *Brasil: Arquitetura Contemporânea* também aparecem no livro de Henrique Mindlin, que pretendia catalogar o maior número de obras possíveis, fazendo um inventário o mais completo possível da arquitetura moderna brasileira até aquele ano de 1956.

Lúcio Costa, em comentário publicado pela *BAC* sobre o livro de Henrique Mindlin faz observações quanto às omissões de arquitetos dos quais julga importante e anuncia a recente desatualização que o livro passaria a ter com a inauguração de Brasília, aproveitando também para fazer uma provocação aos que desapoavam a mudança da capital:

Tarefa trabalhosa e ingrata essa de inventariar pois deixa sempre nos interessados a impressão de que faltou alguma coisa, de que as fotografias reproduzidas nem sempre foram as melhores e de que houve, por vezes, desacerto na escolha das que foram ampliadas. E de fato houve omissões, como, entre tantas outras, a falta de referência à obra persistente e valiosa de Arcuri, em Juiz de Fora, e à atuação fecunda do Borsoi em Pernambuco e na Paraíba. (...) este inventário, que se pretendia atualizado, já está incompleto; novas construções projetadas por Oscar Niemeyer estarão em breve concluídas fora dos muros da nova capital e a sua pura beleza dá-nos desde logo a segurança de que o ciclo iniciado em 36 ainda não se fechou. Servirão de padrão à nova cidade. E mesmo que se destinem, num futuro próximo, ao abandono na selva, à maneira de tantos padrões com as cinco quinas lavradas na pedra de lioz – tal como já profetisa a mesquinhez dos eternos derrotistas – a simples feição das ruínas, revelará que houve ali uma nobre intenção.<sup>54</sup>

Em 1957 o tema da mudança da capital federal para o interior do Brasil era discutido em todo o país e havia quem a defendesse e quem a atacasse. A *BAC* em um primeiro momento colocou-se neutra, sob a proposta de fazer um debate com os pros e os contras da mudança, o que não aconteceu devido ao governo defender o feito, argumentando serem “indiscutíveis” as razões para a mudança. Mário Barata, em editorial daquele ano afirma que:

(...) sendo uma revista eminentemente técnica, B.A.C. é igualmente um órgão de debate, que não se limita a apresentar seu conteúdo de maneira amorfa, mas procura orientar o leitor, com o necessário equilíbrio e a imprescindível ponderação, seja em seus editoriais, seja através de artigos assinados sob exclusiva responsabilidade dos autores. B.A.C. entra assim, discretamente, no terreno da crítica de arquitetura e mais à vontade no da discussão dos grandes problemas do urbanismo. Nesses, os interesses coletivos exigem verdadeira tomada de posição – serena, mas corajosa – visto que estão em jogo os recursos financeiros e o destino de milhões de pessoas. É por isso que B.A.C. abre, neste momento, grande debate técnico sobre os aspectos urbanísticos da conveniência ou inconveniência da mudança imediata da capital federal para a região atualmente escolhida no planalto goiano. Esperamos realizá-lo com isenção de ânimo, publicando opiniões de diversos setores, encarando a questão tanto nos seus aspectos favoráveis, como nos desfavoráveis. Os nossos próximos números dedicarão especial atenção a esse problema.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> COSTA, Lucio. Modern Architecture in Brazil. *BAC*. Rio de Janeiro, n° 8. p.55. 1956.

<sup>55</sup> APRESENTAÇÃO. *BAC*. Rio de Janeiro, n° 9. 1957.

A nona edição da *BAC* ainda traz um artigo de seu diretor de urbanismo, Joaquim de Almeida Mattos, intitulado “A Mirabolante Nova Capital Brasileira”<sup>56</sup>, onde ele questiona as tais “indiscutíveis razões de ordem estratégica, geografia, econômica e política”, que nunca haviam sido comprovadas e estudadas, a fim de determinar as conseqüências que tal mudança acarretaria. Segundo Mattos, o Brasil possuía inúmeros problemas de ordem econômica, social, financeira e política para os quais ainda não haviam dado solução, e o artigo constitucional que previa a transferência da capital para o planalto goiano teria que ser revisto, já que tal mudança era impraticável e sem propósito, pois o Rio de Janeiro funcionava como capital durante séculos. Para ele, a capital de um país não se resume à sede administrativa e burocrática do Estado, “não se pode sentir a capital de uma nação numa cidade limitada a funções administrativas e desligadas da cultura, da economia, das finanças e da história”<sup>57</sup>. Mattos ressalta que, com tantos problemas que o Brasil tem para solucionar e somente não o soluciona por falta de verba, construir uma nova capital apenas desperdiçaria dinheiro e não resolveria nenhum problema de transporte, energia ou habitação, por exemplo. Além de que, a implantação da capital no sertão goiano não traria o mesmo desenvolvimento que a aplicação correta de investimentos em infraestrutura que dêem retorno financeiro.

*BAC*, em seu próximo número, a décima edição da revista, diz em editorial<sup>58</sup> escrito por Almeida Mattos que houve a proposta de um debate, mas que este não aconteceu devido aos responsáveis pelo projeto da nova capital não se mostrarem dispostos a abandonar “as trincheiras dos ‘dispositivos constitucionais’ e das ‘indiscutíveis razões de ordem estratégica, geográfica e econômica’”<sup>59</sup>, mostrando-se, inclusive, conformados com o que a revista havia afirmado.

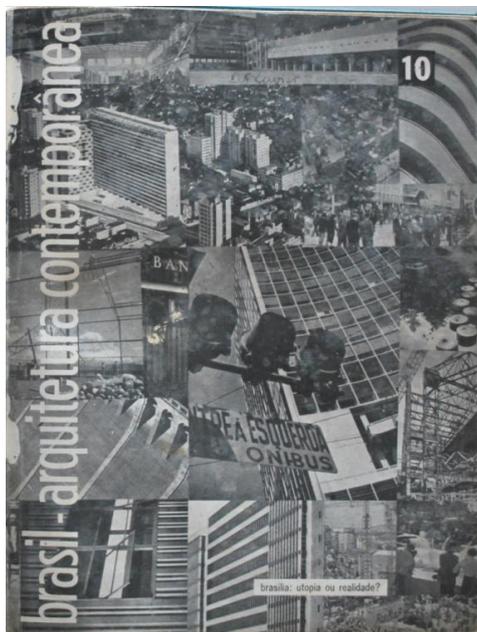


Figura 6: Capa da edição número 10 da *BAC*, de autoria de Osmar Castro, 1957.

<sup>56</sup> MATTOS, Joaquim de Almeida. A mirabolante nova capital brasileira. *BAC*. Rio de Janeiro, n° 9, p.3-21. 1957.

<sup>57</sup> Idem

<sup>58</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 10. 1957.

<sup>59</sup> Idem

A edição número 10 de *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, com a temática “Brasília: Utopia ou Realidade?”, traz vários artigos a respeito de urbanismo e sobre a construção da nova capital, entre eles, um de Prestes Maia, intitulado “Mudancistas e Fiquistas”<sup>60</sup>, e um de Mário Pedrosa, chamado “Reflexões em torno da Nova Capital”<sup>61</sup>.

Em seu artigo Prestes Maia condena a nova capital brasileira, dizendo não haver argumentos favoráveis para tal mudança. A maior defesa para a mudança, que consiste em dizer que a localização central da capital melhor atenderia todo o território nacional pela equidistância era rebatida por Maia, que afirmava que em plena “era do rádio e da aviação a jato”, esse fato não tinha a menor importância, e pelo contrário, a nova capital brasileira ficaria afastada da faixa litorânea, mais densa por atração natural do oceano, que é uma grande via de comunicação entre os grandes centros urbanos do país. Maia diz que, na ilusão de ser a mudança de capital a melhor solução para vários problemas do Brasil, o “pior é que inúmeros cidadãos erigem as virtudes dessa mudança em artigos de fé e inquam de impatriotas, os cidadãos descrentes”. Já Mário Pedrosa vê o projeto de Lúcio Costa para Brasília com bons olhos, dizendo ser uma solução simples e clara, afirmando também que o resultado em que Costa havia chegado condizia com uma nova capital, pela monumentalidade:

Na pequena e natural polêmica surgida em virtude do resultado do concurso para o plano-piloto de Brasília, entre M. Roberto, de um lado, e Sir. William Holford, o julgador, e Lúcio Costa, o vitorioso, de outro, um conceito foi, sobretudo, destacado: o de monumentalidade. O primeiro arquiteto desfez dele, considerando-o preconceito do século XIX, que implicaria no esmagamento estardalhante do homem. (...) Na verdade, o que era monumental no século passado, ou em outros séculos, continua monumental hoje. O monumental de antes nunca desrespeitou a escala humana. Quando desrespeita, já não há monumentalidade, mas exibicionismo bombástico, muito do gosto de ditadores modernos, ultra-século XX, gênero Hitler, Mussolini e Stalin.<sup>62</sup>

No final do ano de 1957, já na décima primeira edição de *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, a revista passa por uma mudança, pois seus principais diretores deixam a publicação. Henrique Mindlin, Álvaro Vital Brazil, Mário Barata e Osmar Castro saem da diretoria da revista, que passa a ser dirigida por David Libeskind e Ricardo Menescal em arquitetura, substituindo Mindlin e Vital Brazil; Waldemar Asp, que assume o cargo de redator chefe deixado por Barata; e Willy Fontenelle, que toma posse da direção executiva, antes pertencente a Osmar Castro.

Esta edição, comandada por uma nova direção, apresenta alguns projetos brasileiros e latino-americanos e, sob a temática de “Brasília: Estruturas Metálicas” traz um artigo de Eurico Pfister intitulado “Ligas de Alumínio”<sup>63</sup>. A revista publica também um artigo do crítico e

<sup>60</sup> MAIA, Prestes. Mudancistas e Fiquistas. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 10. p.10-3, 1957.

<sup>61</sup> PEDROSA, Mario. Reflexões em torno da nova capital. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 10. p.32-5, 1957.

<sup>62</sup> PEDROSA, Mario. (1957). Reflexões em torno da nova capital. BAC. Rio de Janeiro, n° 10. p.32-5.

<sup>63</sup> PFISTER, Eurico. (1957). Ligas de Alumínio. BAC. Rio de Janeiro, n° 10. p.2-16.

historiador suíço, Sigfried Giedion, sobre a obra de Burle Marx<sup>64</sup>, no qual ele reconhece o paisagista e artista brasileiro como um dos mais importantes do século XX.



Figura 16: Capa da edição número 11 da BAC, de autoria de Ari Fagundes, 1957.

No editorial do décimo segundo número da BAC, Waldemar Asp escreve a “Apresentação”<sup>65</sup> dividida em três partes. Na primeira parte Asp reconhece a importância e agradece os membros fundadores do corpo diretor da revista que haviam saído da direção.

A Henrique E. Mindlin. Álvaro Vital Brazil, Mário Barata e Osmar Castro, o nosso muito obrigado, pelo tanto que emprestaram do seu esforço, para que BAC se firmasse na invejável posição que desfruta perante o numeroso público que mantém, nesses quatro anos de sua atribulada existência.<sup>66</sup>

A segunda parte do editorial trata da construção do Teatro Castro Alves, em Salvador, que é abordado pela revista, frisando a importância de tal construção tanto pela tecnologia do prédio quanto por sua importante função. Esta parte da Apresentação também revela que a revista tratará de outros projetos, entre eles o Conjunto Nacional, em São Paulo, de David Libeskind. A terceira e última parte da apresentação faz um agradecimento e homenageia os mestres da arquitetura “pelo muito que tem feito” e diz para os jovens arquitetos trabalharem com afinco, afirmando que as páginas da BAC estão à disposição para “poder apresentar entre essa plêiade de moços, nomes capazes de, com brilho e eficiência, elevar bem alto em projeção o conceito, o valor e a indiscutível capacidade da arquitetura nacional”<sup>67</sup>.

<sup>64</sup> GIEDION, Siegfried. (1957). Roberto Burle Marx. BAC. Rio de Janeiro, n° 10. p.46.

<sup>65</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 12. 1957/58.

<sup>66</sup> Idem

<sup>67</sup> Idem

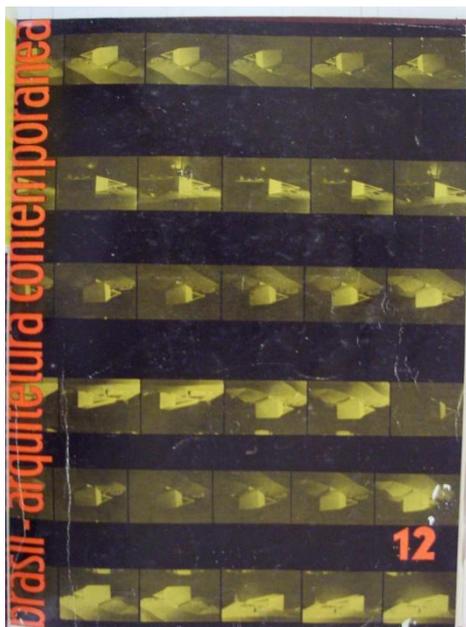


Figura 7: Capa da edição número 12 da *BAC*, com fotomontagem de imagens da maquete do Teatro Castro Alves, cujo projeto é de José Bina Fonyat.

Entre os projetos publicados por esta edição, aparecem o Teatro Castro Alves e um Conjunto Residencial, de José Bina Fonyat, e o Conjunto Nacional e uma Residência em São Paulo, de David Libeskind, ambos os arquitetos pertencentes à diretoria de *BAC*. Nota-se neste número que prevalece a publicação de projetos dos novos diretores da revista, com dois projetos publicados de José Bina Fonyat e dois de David Libeskind.

A edição de número 12 foi o último número da revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, não havendo mais publicações a partir de então.



Figura 18: Página 8 da edição número 12 da *BAC*, mostrando parte da matéria sobre o Teatro Castro Alves, de José Bina Fonyat, com foto da maquete do projeto.

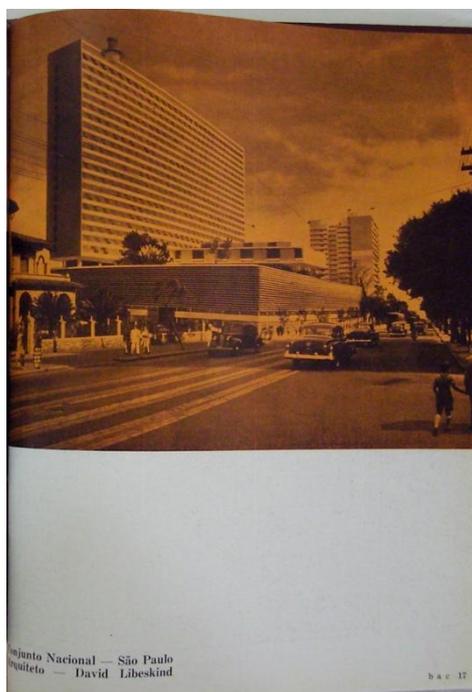


Figura 8: Página 17 da edição número 12 da *BAC*, mostrando a primeira página da matéria a respeito do Conjunto Nacional, de David Libeskind, com fotomontagem do edifício inserido na paisagem da Av. Paulista.

## **O FECHAMENTO DA REVISTA BRASIL: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA**

Em 1957, os principais diretores da *BAC*, Henrique Mindlin, Mário Barata, Álvaro Vital Brazil e Osmar Castro, deixam a revista. Estes diretores eram os principais responsáveis pela crítica e posicionamento da revista desde sua fundação.

Os novos diretores que assumiram a revista, David Libeskind, Ricardo Menescal, José Bina Fonyat e Waldemar Asp, que eram arquitetos que atuavam predominantemente fora do Rio de Janeiro, não conseguem manter a publicação.

A revista não anuncia seu fechamento, o último número não está colocado como tal, o que nos faz pensar em um fechamento repentino, pois na última edição, de número 12, a revista traz em seu editorial um convite para os novos arquitetos mandarem seus trabalhos, dizendo que suas colunas estavam abertas para “apresentar entre essa plêiade de moços, nomes capazes de, com brilho e eficiência, elevar bem alto em projeção o conceito o valor e a indiscutível capacidade da arquitetura nacional”<sup>68</sup>.

A revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea* encerra suas publicações com a proposta de renovar o quadro dos arquitetos brasileiros até então em difusão pela revista, e alega-se devedora dos “mestres da arquitetura, pelo muito que têm feito pela mesma em geral”<sup>69</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A revista *Brasil: Arquitetura Contemporânea*, em seus cinco anos de existência, de 1953 a 1958, constitui uma importante fonte que documentou a arquitetura moderna brasileira. Os artigos teóricos e os projetos selecionados e discutidos nesta pesquisa procuram evidenciar o partido adotado pela revista *BAC* na difusão do movimento moderno no Brasil.

*BAC* documentou e difundiu o que havia de vanguarda na arquitetura e na arte produzidas na década de 1950, como também fatos relevantes como visitas de arquitetos estrangeiros ao Brasil, a polêmica mudança da capital federal brasileira e importantes eventos como as Bienais Internacionais de São Paulo e o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos.

Resgatar a documentação presente nessa publicação é de fundamental interesse para a historiografia da arquitetura brasileira, pois a partir do material presente em periódicos como a *BAC* é que se pode supor como fatos e obras aconteceram em seu tempo e qual foi a sua repercussão.

Em seus cinco anos de publicação, começando em 1953, ano do início da II Bienal Internacional de São Paulo e fechando em 1958, dois anos antes da inauguração de Brasília, *BAC* documentou e difundiu o movimento moderno na arquitetura e na arte de sua época.

A *BAC* tinha uma visão saudosista da arquitetura de sua época, chegando a afirmar que cabia à arquitetura “inspirar e estimular a modernização de muitos serviços e promessas de trabalho, pois não é por acaso que dentro dos melhores edifícios encontramos também as mais eficientes organizações e as mais progressistas empresas”<sup>70</sup>. Para a revista, a arquitetura moderna vinha como uma renovação na maneira de se projetar e construir e representava uma expectativa quanto à solução de problemas sociais, urbanos e artísticos.

<sup>68</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 12. 1957/58.

<sup>69</sup> Idem

<sup>70</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 1. 1953

Referindo-se à síntese das artes proporcionada pela arquitetura moderna, *BAC* diz que “o mais valioso aspecto do presente movimento cultural consiste na reintegração das artes plásticas (...), fator fundamental na elevação do nível cultural da coletividade”<sup>71</sup>. Para a revista, as obras de arte inseridas no projeto arquitetônico seriam uma forma de democratização das artes, fazendo com que tais obras não estivessem reservadas somente a museus e estivessem ao alcance de um maior número de pessoas.

O fator social da arquitetura também foi muito discutido pela *BAC*, que como vimos, publica uma edição especial, o número 7, que trata de um dos problemas sociais a serem resolvidos pela arquitetura e urbanismo junto ao Estado, o problema da habitação no Brasil. Esta edição traz cinco projetos de conjuntos habitacionais e discute o tema em vários artigos, onde é abordado o papel do arquiteto quanto ao problema da habitação. Nota-se, no editorial deste número, escrito por Henrique Mindlin<sup>72</sup>, que *BAC* considerava a solução do problema do déficit de habitação como dever do Estado, porém reserva-se aos arquitetos, como técnicos, a função de planejamento. Há também a preocupação quanto à democratização da arquitetura no Brasil a fim de satisfazer as necessidades da população, pois para *BAC*, a falta de acesso á arquitetos pela maior parte da população era um empecilho ao desenvolvimento do país.

O urbanismo começa a ser tratado com mais afinco pela revista a partir de 1957, com a discussão da mudança da capital brasileira para o planalto central goiano. A princípio *BAC* se mostra contrária á mudança da capital e propõe uma discussão dos impactos que tal mudança acarretaria, o que não acontece devido a falta de interesse do Estado de debater as “indiscutíveis” razões de ordem estratégica e os motivos constitucionais da construção de Brasília.

Notam-se nos projetos publicados por *BAC* algumas características em comum, além de todos os projetos escolhidos para a publicação serem projetos de características modernas, observa-se nas escolhas feitas pela revista que se prevalecem projetos que possuam obras de arte integradas no projeto arquitetônico, ou seja, onde há a síntese das artes. Há também um grande número de projetos que evidenciam a função social do arquiteto, como os conjuntos habitacionais. Além disso, todos os projetos, de alguma maneira, ilustram as novas técnicas construtivas e soluções da arquitetura moderna, como o emprego de brises e materiais construtivos pioneiros na época.

Quanto às autorias das obras publicadas na *BAC*, os arquitetos com mais projetos publicados foram Sérgio Bernardes, Affonso Eduardo Reidy, David Libeskind, Pedro Guimarães e Francisco Bolonha, todos estes possuindo de cinco a três projetos publicados na revista. Logo em seguida, com dois projetos publicados por *BAC*, encontram-se Acácio Gil Borsoi, Alcides da Rocha Miranda, Ícaro de Castro Mello, Jorge Machado Moreira, José Bina Fonyat, Luis Mário Brandão, o escritório M.M.M. Roberto, Oscar Niemeyer, Ricardo Menescal, Roberto Burle Marx, Rolf Hüther e Zenon Lotufo. Demais arquitetos como Giancarlo Palanti, Henrique Mindlin, entre outros, aparecem com apenas um projeto publicado durante os cinco anos de existência da *BAC*. Anexo segue a tabela com os arquitetos que tiveram obras publicadas pela revista e o número de projetos por ela publicados.

---

<sup>71</sup> Idem

<sup>72</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n° 7. 1956.

Por fim, pode-se dizer que o objetivo da *Brasil: Arquitetura Contemporânea* exposto em seu primeiro editorial<sup>73</sup>, de “documentar e difundir” o movimento moderno na arquitetura e nas artes foi cumprido durante o período de sua publicação. Entre os anos de 1953 e 1958 *BAC* foi um importante veículo de difusão do movimento moderno no Brasil, e hoje, o material que nela foi publicado e documentado constitui uma rica fonte que contribui na formulação da história da arquitetura moderna brasileira.

## ANEXO

Tabela com o número de projetos publicados por *BAC* de cada arquiteto:

ARQUITETO	Nº DE PROJETOS PUBLICADOS NA <i>BAC</i>	ARQUITETO	Nº DE PROJETOS PUBLICADOS NA <i>BAC</i>
Sérgio Bernardes	5	G. Aguiar	1
Affonso Eduardo Reidy	4	Gero Karrer	1
David Libeskind	4	Giancarlo Palanti	1
Pedro Guimarães	4	Gilson Mendes Lage	1
Francisco Bolonha	3	Hélio Duarte	1
Acácio Gil Borsoi	2	Helio Ribas Marinho	1
Alcides da R. Miranda	2	Hélio Uchoa	1
Ícaro de Castro Mello	2	Henrique Mindlin	1
Jorge Machado Moreira	2	Jacques Pilon	1
José Bina Fonyat	2	Jorge Cadaval Mereb	1
Luis Mário S. Brandão	2	José de Souza Reis	1
M.M.M. Roberto	2	José Lambert Dodibei	1
Oscar Niemeyer	2	Julio Catelli Filho	1
Ricardo Menescal	2	Luis C. Brügger Neves	1
Roberto Burle Marx	2	Luiz Augusto de Sá	1
Rolf Hüther	2	Marco T. Dias	1
Zenon Lotufo	2	Marcos Konder Netto	1
Aldary Henriques	1	Orlando Magdalena	1
Andral Braga	1	Oswaldo Bratke	1
Arnaldo Paoliello	1	Otavio de Moraes	1
Carlos F. Ferreira	1	Raif Cesar Habi	1
Carmen Portinho	1	Redig de Campos	1
D. Astracan	1	Renato Sá	1
E. Kneese de Melo	1	Rino Levi	1
Elias Kaufman	1	S. Lopes	1
Elvin M. Dubugras	1	S. Santos	1
Ernesto Mange	1	Ubirajara Ribeiro	1
Fernando Cabral Pinto	1	Ulysses Burlamaqui	1
Flávio Regis	1	Vasco Venchiarutti	1
Flávio Rego	1	Walmir Lima Amaral	1
Francisco R. Macedo	1	Wilson Reis Netto	1

<sup>73</sup> APRESENTAÇÃO. *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro, n°1. 1953

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, órgão fomentador da presente pesquisa e à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo & Design – FAUeD/UFU, especialmente a todos os membros do Núcleo de Pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo – NuTHAU.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Capa da primeira edição de <i>BAC</i> e página contendo a Apresentação, 1953. ....	5
<b>Figura 2:</b> <i>BAC</i> nº 1. 1953. Páginas 22 e 23 da primeira edição de <i>BAC</i> mostrando o artigo de Quirino Campofiorito, “Max Bill no Rio de Janeiro”, e primeira página da matéria sobre o Edifício Seguradoras, do escritório M.M.M. Roberto.....	7
<b>Figura 3:</b> <i>BAC</i> nº 1. 1953. Páginas 6 e 7 da primeira edição de <i>BAC</i> mostrando parte da matéria sobre o Conjunto do Pedregulho, onde se vê as plantas de situação do conjunto e da escola-ginásio e fotos do projeto.....	8
<b>Figura 4:</b> <i>BAC</i> nº 1. 1953. Páginas 8 e 9 da primeira edição de <i>BAC</i> mostrando parte da matéria sobre o Conjunto do Pedregulho, onde se vê a planta do jardim com playground, fotos de vistas do conjunto e do painel de Burlle Marx para a escola primária. ....	9
<b>Figura 5:</b> Capa da <i>BAC</i> número 2-3, de autoria .....	11
<b>Figura 6:</b> Página 49 da edição número 2-3 de <i>BAC</i> , primeira página da matéria sobre o Conjunto Arquitetônico do Ibirapuera. ....	11
<b>Figura 7:</b> Capa da <i>BAC</i> edição número 4, 1954, de .....	12
<b>Figura 8:</b> Sumário da edição número 4 de <i>BAC</i> , 1954, onde a composição gráfica também é de Nelida Fedullo e Osmar Castro.....	12
<b>Figura 9:</b> Capa da edição número 6 da <i>BAC</i> , com o tema “Homenagem ao México”, de autoria de Athos Bulcão, 1955. ....	13
<b>Figura 10:</b> Capa da edição número 5 da <i>BAC</i> , com o tema “Atualidades e Projetos”, de autoria de Osmar Castro, 1955.....	13
<b>Figura 11:</b> Páginas 20 e 21 da edição número 7 de <i>BAC</i> mostrando o início da matéria a respeito do Conjunto Residencial para a Cia. Siderúrgica Mannesmann, do arquiteto Henrique Mindlin, 1956....	14
<b>Figura 12:</b> Capa da edição número 7 de <i>BAC</i> , de autoria de Athos Bulcão, o qual, para ilustrar o tema “Conjuntos Residenciais” utiliza uma imagem da maquete do projeto do Conjunto Residencial Marques de São Vicente, de Reidy, 1956.....	15
<b>Figura 13:</b> Página 55 da edição número 8 da <i>BAC</i> , mostrando artigo de Lucio Costa referente ao livro <i>Modern Architecture in Brazil</i> , de Henrique Mindlin. ....	16
<b>Figura 14:</b> Capa da edição número 8 de <i>BAC</i> , de 1956, a foto é uma cortesia do serviço de aerofotogrametria da Cruzeiro do Sul. ....	16
<b>Figura 15:</b> Capa da edição número 10 da <i>BAC</i> , de autoria de Osmar Castro, 1957.....	18
<b>Figura 16:</b> Capa da edição número 11 da <i>BAC</i> , de autoria de Ari Fagundes, 1957.....	20
<b>Figura 17:</b> Capa da edição número 12 da <i>BAC</i> , com fotomontagem de imagens da maquete do Teatro Castro Alves, cujo projeto é de José Bina Fonyat. ....	21
<b>Figura 18:</b> Página 8 da edição número 12 da <i>BAC</i> , mostrando parte da matéria sobre o Teatro Castro Alves, de José Bina Fonyat, com foto da maquete do projeto.....	21
<b>Figura 19:</b> Página 17 da edição número 12 da <i>BAC</i> , mostrando a primeira página da matéria a respeito do Conjunto Nacional, de David Libeskind, com fotomontagem do edifício inserido na paisagem da Av. Paulista. ....	21

**BIBLIOGRAFIA**

BRASIL: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA. Rio de Janeiro. N° 1 – 12. 1953 – 1958;

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. Tradução Ana M. Goldberger. 3. ed. São Paulo, Brasil : Editora Perspectiva, 1997;

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo . *Arquitetura em revista: recepção da arquitetura moderna no Brasil nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo:USP, 2005, 336 p. Tese (doutorado);

GOODWIN, Philip Lippincott. *Brazil builds; : architecture new and old, 1652-1942*. New York : The Museum of Modern Art, 1943;

MARTINS, Carlos A. Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a obra de Lúcio Costa*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - FFLCH-USP,1988.Cap. 1 Arquitetura Moderna uma Trama Recorrente;

MINDLIN, H. (2000). *Arquitetura moderna no Brasil* ; prefácio de S. Giedion ; organizador da edição brasileira Lauro Cavalcanti ; tradução de Paulo Pedreira. 2.ed. Rio de Janeiro : Aeroplano Editora/IPHAN. Título original em inglês: *Modern architecture in Brasil*. New York : Reinhold, 1956 ;

MIRANDA, Clara Luiza. (1998). *A Crítica nas Revistas de Arquitetura nos Anos 50: A Expressão Plástica e a Síntese das Artes*. São Carlos: USP. Dissertação (Mestrado) .